

EDUCAÇÃO DO CAMPO NOS ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA

SILVA, Márcia Regina de Souza¹
LEITE, Kécio Gonçalves²

Resumo – O presente artigo apresenta os resultados de um estudo de caráter bibliográfico com o objetivo de analisar, a partir dos anais das cinco primeiras edições do Congresso Brasileiro de Etnomatemática (CBEm), como as publicações neste evento, na modalidade comunicações orais, têm definido e referenciado teoricamente a educação do campo, com um recorte ainda mais específico das que se referem a pesquisas no espaço escolar. Inicialmente, para a seleção dos trabalhos, utilizamos os descritores *educação do campo*, *rural* e *agricultura*. Em seguida, mantivemos no corpus de análise apenas os trabalhos relacionados a pesquisas cujos dados foram produzidos em espaços escolares. Como resultados, foram identificadas 9 (nove) comunicações orais, a partir das quais foi possível verificar que, embora a etnomatemática esteja definida e referenciada teoricamente nos trabalhos apresentados no CBEm, isto não ocorreu com a educação do campo. Em 7 (sete) dos trabalhos analisados, verificou-se uma lacuna ou uma ausência de definição do que os pesquisadores entendem por educação do campo, e até mesmo a inexistência de referenciais teóricos que discutem a educação do campo. A partir de tais resultados, é possível fazer o indicativo à comunidade de pesquisadores que estudam a interface da etnomatemática com a educação do campo, no sentido da necessidade de uma maior aproximação teórica de suas pesquisas com o movimento que culminou com as Diretrizes Gerais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, fruto das experiências desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação.

Palavras-chave: Etnomatemática; Educação do Campo; Espaço Escolar.

Introdução

A motivação para a escrita deste trabalho correlaciona-se com o desenvolvimento de um projeto de pesquisa no Mestrado em Educação Matemática, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, que se propõe a refletir a relação entre etnomatemática e educação do campo, e pesquisar se os conteúdos de matemática em currículos de escolas do campo no município de Ji-Paraná/RO dialogam com os princípios da educação do campo.

Considerando que estamos tratando de dois importantes campos de conhecimento, propusemo-nos inicialmente a conceituá-los, adotando como referenciais teóricos Ubiratan

¹ Mestranda em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora da rede estadual de educação de Rondônia. E-mail: marcyaregina@gmail.com.

² Professor do Departamento de Educação Intercultural e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNIR. Doutor em Educação em Ciências e Matemática e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: kecioleite@unir.br.

D'Ambrosio, Gelza Knijnik e Roseli Salete Caldart, três dos autores mais citados em trabalhos que se situam na interface da etnomatemática com a educação do campo.

Ressalta-se que a etnomatemática como tendência da Educação Matemática surgiu em meados dos anos 1970, tendo como principal precursor Ubiratan D'Ambrosio, que a conceitua como sendo “a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender, nos diversos contextos culturais” (D'AMBROSIO, 1998, p. 5). Ainda segundo D'Ambrosio, a etnomatemática consiste em:

[...] identificar técnicas ou mesmo habilidades e práticas utilizadas por distintos grupos culturais na sua busca de explicar, de conhecer, de entender o mundo que os cercam, a realidade a eles sensível e de manejar essa realidade em seu benefício e no benefício de seu grupo (D'AMBROSIO, 1998, p. 6).

Knijnik (1996), por sua vez, afirma que a etnomatemática envolve tanto uma prática investigativa quanto uma prática pedagógica. Explica-se esta conceituação, a partir do fragmento da obra da autora, a qual alude que a abordagem etnomatemática constitui-se como:

[...] investigação das tradições, práticas e concepções matemáticas de um grupo social subordinado (quanto ao volume e composição de capital social, cultural e econômico) e o trabalho pedagógico que se desenvolve com o objetivo de que o grupo interprete e decodifique seu conhecimento; adquira o conhecimento produzido pela Matemática acadêmica e estabeleça comparações entre o seu conhecimento e o conhecimento acadêmico, analisando as relações de poder envolvidas no uso destes dois saberes (KNIJNIK, 1996, p. 88).

Pode-se também conceber a etnomatemática como programa de pesquisa ou como conjunto de saberes e fazeres socioculturalmente situados, como faz Leite (2014), para o qual a etnomatemática também é:

[...] uma concepção filosófica que estabelece princípios gerais e que também situa contextualmente e diferencia as diferentes práticas matemáticas existentes no mundo da atual prática matemática escolar, considerada esta como homogeneizadora, por não levar em consideração os saberes das diferentes *tradições* e suas especificidades (LEITE, 2014, p. 127-128).

Estas conceituações de etnomatemática apresentadas se aproximam dos princípios da educação do campo, e nesse sentido estabelecem um diálogo, garantindo que nas diversidades possam compartilhar espaços e ideias de modo dialógico e de respeito mútuo. Assim, a

educação do campo e a etnomatemática buscam contribuir com a construção de um projeto de sociedade sustentável, justa e solidária, que valorize e respeite o ambiente, as diferenças culturais e étnicas, e fortaleça uma cultura de paz.

A abordagem de Knijnik (1996), que considera a etnomatemática uma prática investigativa e pedagógica, reforça mais uma vez o diálogo com a educação do campo, criando assim os nós de relações, visto que muitos dos conhecimentos matemáticos das comunidades camponesas ocupam um tempo e um espaço nos ambientes escolares, e é uma das causas de luta da educação do campo, isto é, fazer com que o conhecimento produzido dentro das práticas sociais cotidianas, legítimo, seja problematizado nos currículos, esteja no chão da escola.

Assim, na busca de uma aproximação mais estreita entre os campos conceituais existentes entre educação do campo e etnomatemática e, sobretudo, aos objetivos que extrapolam a sala de aula, na construção de uma sociedade justa, equânime e fraterna, recorreremos ao conceito de educação do campo a partir do Dicionário de Educação do Campo³, uma obra escrita coletivamente por diversos sujeitos que consideram a educação do campo como uma prática social ainda em processo de constituição histórica (CALDART *et.al.*, 2012).

Segundo Caldart *et.al.* (2012), a educação do campo constitui-se como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação, sendo pressão coletiva por políticas públicas mais abrangentes; combina luta pela educação com luta pela terra e reconhece a diversidade dos sujeitos; busca superar, no campo e na cidade, as relações sociais capitalistas; é movida pelas necessidades formativas de uma classe portadora de futuro tendo como premissa a prática; considera a escola como objeto central das lutas e reflexões pedagógicas dos trabalhadores; conjuga a luta pelo acesso à educação pública com a luta contra a tutela política e pedagógica do Estado; os educadores são considerados sujeitos fundamentais da formulação pedagógica e das transformações da escola.

Nesse sentido, através de lutas e organizações ao longo da história, os militantes pela educação do campo buscam diminuir as desigualdades sociais e, sobretudo, construir uma agenda de políticas públicas garantidoras de uma Educação **do** Campo **no** campo, reafirmando que o “campo é espaço de vida digna e é legítima a luta para as políticas públicas específicas e por um projeto educativo próprio para seus sujeitos” (CALDART, 2004, p. 1).

³ Uma obra escrita coletivamente por diversos sujeitos, e sua elaboração foi coordenada pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) do Rio de Janeiro, e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A expressão “campo”, especificamente, é resultado de uma nomenclatura reivindicada pelos movimentos sociais e deve ser adotada pelas instâncias governamentais e suas políticas públicas educacionais, apesar de que ainda hoje, relutantemente, pronuncia-se, em alguns universos acadêmicos, a expressão “estudos rurais”.

Ainda segundo Caldart *et al.* (2012), o surgimento da expressão “Educação do Campo” nasceu primeiro como *Educação Básica do Campo*, por ocasião da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho de 1998. Neste mesmo ano foi criada a Articulação Nacional por uma Educação do Campo, entidade que passou a promover e gerir as ações conjuntas pela escolarização de camponeses e camponesas, em nível nacional.

Assim, um dos pontos de intersecção que destacamos entre educação do campo e etnomatemática é o de considerar a escola como objeto central das lutas e reflexões pedagógicas dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo. Nesta perspectiva é que selecionamos os trabalhos a serem analisados no presente estudo, ou seja, os que consideraram o espaço escolar para a produção de dados.

Procedimentos Metodológicos

Os trabalhos analisados neste estudo são da categoria *comunicação oral*, publicados nos anais das cinco primeiras edições do Congresso Brasileiro de Etnomatemática. Os textos registrados nos anais do evento foram nosso objeto de análise para produção dos dados e subsidiaram a escrita do presente trabalho, de caráter bibliográfico (SEVERINO, 2007), pois analisou publicações decorrentes de pesquisas anteriores.

A pesquisa possui características do tipo *estado da arte*, que, segundo Ferreira (2002), tem caráter inventariante e descritivo, ao buscar investigar, à luz de categorizações, um conjunto de fenômenos a ser analisado, na busca de identificar as principais temáticas abordadas e as suas perspectivas, convergências e distanciamentos. Conforme Fantinato e Thees (2016), uma investigação do tipo *estado da arte* pode contribuir para aprofundar a compreensão sobre as tendências da etnomatemática e para identificar novas perspectivas de pesquisa, menos recorrentes, porém significativas.

Nessa perspectiva, são exemplos de outras pesquisas com características de estado da arte que analisaram os anais de edições do CBEm: Fantinato (2013), Martins e Gonçalves (2015), Rosa e Orey (2018) e Fantinato e Silva (2019).

A recorrência de pesquisas que analisam os anais do CBEm encontra-se evidenciada e com diferentes abordagens. Esta elucidação se faz necessária para valorizar as produções existentes, bem como ressaltar o objetivo desta pesquisa em desenvolvimento, que é o de analisar as comunicações orais dos anais das cinco edições do CBEm, que relacionam etnomatemática e educação do campo, considerando ainda a escola como o espaço da produção de dados.

A primeira edição do Congresso Brasileiro de Etnomatemática - CBEm1 foi realizada no período de 01 a 04 de novembro de 2000, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP, em São Paulo/SP. Os eixos temáticos relacionaram a etnomatemática com: educação rural, educação indígena, educação caiçara, educação urbana, práticas artesanais, educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação matemática crítica, grupos de profissionais e aspectos teóricos.

O Segundo Congresso Brasileiro de Etnomatemática - CBEm2 foi realizado no período de 04 a 07 de abril de 2004, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, em Natal/RN.

O Terceiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática - CBEm3 foi realizado no período de 26 a 29 de março de 2008, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense - UFF, em Niterói/RJ, com o tema: *Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos*. Os eixos temáticos que orientaram o congresso foram: Educação matemática em diferentes contextos culturais; Etnomatemática e formação de professores; Etnomatemática e seus fundamentos teóricos; Etnomatemática e etnociências; Etnomatemática e a sala de aula; Etnomatemática e História da Matemática.

O Quarto Congresso Brasileiro de Etnomatemática - CBEm4 foi realizado no período de 13 a 17 de novembro de 2012, na Universidade Federal do Pará - UFPA, em Belém/PA, com o tema: *Cultura, Educação Matemática e Escola*. Os eixos que orientaram os debates e as produções foram: GT1 – Etnomatemática e educação dos povos da floresta; GT2 – Etnomatemática e a Educação do Campo; GT3 - Etnomatemática e as relações entre tendências em educação matemática; e GT4 – Etnomatemática e educação para inclusão.

O Quinto Congresso Brasileiro de Etnomatemática - CBEm5 foi realizado no período de 11 a 14 de setembro de 2016, na Universidade Federal de Goiás - UFG, em Goiânia/GO, com o tema: *Etnomatemática, encontro de saberes e uma nova universidade*, distribuído em quatro grupos de trabalho, sendo: GT1 - Etnomatemática, práticas educativas e formação de professores; GT2 – Fundamentos teóricos e filosóficos da Etnomatemática; GT3 – Etnomatemática em diferentes contextos socioculturais; e GT4 – Metodologia de pesquisa em Etnomatemática.

As cinco primeiras edições do Congresso Brasileiro de Etnomatemática demonstraram o crescente comprometimento dos pesquisadores em ampliar as pesquisas em etnomatemática, com o firme propósito de consolidar esta tendência da Educação Matemática enquanto campo de conhecimento, o que é demonstrado ao reafirmar os objetos de pesquisa, os referenciais teóricos, os sujeitos e os espaços que oportunizam e possibilitam a produção dos dados.

Análise dos Trabalhos

A partir dos trabalhos publicados nos anais das cinco edições do Congresso Brasileiro de Etnomatemática, foi possível relacionar as comunicações orais que exploraram de alguma forma a articulação entre etnomatemática e educação do campo. Desta forma, os trabalhos foram selecionados seguindo os critérios de análise, que são explicitados a seguir no Quadro 1, no qual se demonstra o total dos trabalhos analisados em cada um dos eventos, quantificam-se também os trabalhos que apresentaram qualquer categoria que se relaciona a *campo* ou *rural*. Apresentam-se ainda os trabalhos com a categoria *educação do campo* que incluíram ou não *espaço escolar* na produção de dados.

Quadro 1 – Comunicações orais publicadas nos anais das cinco primeiras edições do CBEm

Evento	Comunicações orais	Trabalhos com as categorias <i>campo</i> ou <i>rural</i>	Trabalhos com a categoria <i>educação do campo</i>	Trabalhos com a categoria <i>educação do campo</i> com a <i>escola</i> como <i>espaço da pesquisa</i>
CBEm 1	50	3	1	1
CBEm 2	10	0	0	0
CBEm 3	62	6	6	3
CBEm 4	82	18	8	4
CBEm 5	75	11	7	1
TOTAL	269	38	22	9

Fonte: Banco de dados dos autores.

No Quadro 2, destacam-se os trabalhos dos anais do CBEm com a categoria *educação do campo*, que consideram a escola como espaço da pesquisa. É importante destacar que se utilizaram os descritores *educação do campo*, *rural* e *agricultura* para a seleção inicial dos trabalhos. Posterior a essa primeira seleção, partiu-se para a leitura dos trabalhos, correlacionando-se com a referência bibliográfica, sobretudo para saber se constavam os referenciais alusivos à educação do campo.

Ressalta-se que, assim como Fantinato (2013) fez a opção em analisar os trabalhos publicados nos anais do CBEm a partir de um termo, segundo a autora, mais abrangente, ou seja, prática *pedagógica*, uma vez que inclui práticas educativas escolares e não escolares, nossas análises se concentraram na identificação de comunicações orais que tiveram os *espaços escolares* caracterizados enquanto *espaços de produção de dados*, e que além dessa categoria pudessem deixar evidente o diálogo com a educação do campo. Assim, identificamos 9 (nove) comunicações orais, a saber: CBEm1: Cruz (2000); CBEm2: não localizamos nenhum trabalho que atendesse às categorias de análise; CBEm3: Knijnik e Wanderer (2008), Caldeira (2008) e Silva (2008); CBEm4: Duarte (2012), Gonçalves, Bandeira e Araújo Júnior (2012), Silva (2012) e Ferraz e Cruz (2012); e CBEm5: Lopes (2016).

Quadro 2 – Comunicações orais dos anais do CBEm com a categoria *educação do campo* e a escola como espaço da pesquisa

Evento	Autores	Título	Referencial teórico da etnomatemática	Referencial teórico da educação do campo
CBEm1	Celso Ferreira da Cruz	Etnomatemática: uma experiência em Aripuanã e Guarantã do Norte - Mato Grosso	D'ambrosio Knijnik	Ausente
CBEm3	Gelsa Knijnik Fernanda Wanderer	Narrativas de descendentes de alemães do Sul do país sobre a escola e a matemática escolar: um estudo etnomatemático na perspectiva Wittgenstiana	D'ambrosio Knijnik	Ausente
	Ademir Donizeti Caldeira	Etno/modelagem e suas relações com a educação matemática na infância	D'ambrosio	Ausente
	Ivo Pereira da Silva	A etnomatemática e a modelagem matemática presente em um curso de formação de professores de matemática - Projeto parceladas - Unemat - Vila Rica - MT	D'ambrosio	Ausente
CBEm4	Claudia Glavam Duarte	A educação do campo como vetor de potência para a Etnomatemática	D'ambrosio Knijnik	Faria <i>et al.</i>

	Paulo Gonçalo Farias Gonçalves Francisco de Assis Bandeira Gilberto Cunha de Araújo Júnior	Contexto escolar e o conhecimento etnomatemático de trabalhadores das cerâmicas de Russas-CE: uma proposta pedagógica	D’ambrosio	Ausente
	Elzimar Pereira Nascimento Ferraz Luciana Ribeiro da Cruz	O ensino de matemática na pedagogia da alternância: um olhar para a EFA de Colinas-TO	D’ambrosio	Nozella
	Paulo Sergio Pereira da Silva	As narrativas na formação de professores normalistas ruralistas: um olhar etnomatemático	D’ambrosio	Ausente
CBE5	Ronilce Maira Garcia Lopes	Contexto	D’ambrosio Knijnik	Ausente

Fonte: Banco de dados dos autores.

Cruz (2000), por meio do Projeto GerAção, descreveu a prática educativa desenvolvida por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas localizadas na zona rural de dois municípios do Noroeste de Mato Grosso (Nortão), Aripuanã e Guarantã do Norte, e propôs uma maior valorização dos conceitos matemáticos informais construídos pelos alunos. Embora o referido trabalho preenchesse aos requisitos do presente estudo, não se evidencia nele uma sistemática abordagem da Educação do Campo, possibilitando a seguinte reflexão: basta estar uma escola localizada geograficamente em um espaço não urbano para ser do campo?

Wanderer e Knijnik (2008) analisaram as narrativas de descendentes de alemães sobre a escola e a matemática escolar, colonos que frequentavam uma escola rural do município de Estrela-RS. A metodologia de pesquisa evidenciou que a matemática escolar foi sendo constituída como um conjunto de jogos de linguagem marcado pela escrita, pelo formalismo e sustentado por dispositivos didáticos como a tabuada.

Caldeira (2008), através de uma etnografia da realidade em que estavam inseridas as crianças de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, classe conjugada de uma escola da zona rural, mostrou que é possível perceber que muitos conhecimentos matemáticos que as crianças apresentam, decorrentes de uma prática social, não se tratam de “erros” conceituais da matemática, mas elaborações advindas das suas relações socioculturais. Tiveram a elaboração e construção de uma horta - diálogo estreitado entre Educação do Campo e Etnomatemática. O autor alude que durante a prática emergiram várias formas de compreender a matemática, que extrapolou as formas utilizadas na escola, uma matemática própria da comunidade – uma etnomatemática.

Silva (2008) realizou um relato das atividades realizadas pelos professores e professoras, no curso de Licenciatura em Matemática oferecido pelo Projeto Parceladas –

UNEMAT. Neste trabalho, pode se destacar várias atividades desenvolvidas por educadores e educadoras, que tem no espaço escolar a educação do campo e a etnomatemática evidenciadas.

Duarte (2012) apresenta os alunos da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo os seus sujeitos, propõe refletir sobre as condições favoráveis que são oferecidas pela Educação do Campo para experiências etnomatemáticas, e faz um reconhecimento de que a Pedagogia da Alternância é um dos vetores que potencializam a etnomatemática. Como destaque, essa produção apresenta um referencial teórico da educação do campo.

Gonçalves, Bandeira e Araújo Júnior (2012) desenvolveram um trabalho com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, localizada na zona rural de Russas/CE. Apresentaram um recorte de uma pesquisa de dissertação, que buscou a elaboração e aplicação de uma proposta pedagógica, que contemplasse os conhecimentos etnomatemáticos de um grupo sociocultural em consonância com a matemática escolar. Destacaram que são poucas as investigações com uma perspectiva etnomatemática centrada no contexto escolar.

Silva (2012) apresenta os resultados de uma pesquisa de doutorado cujo objetivo foi compreender a formação de professores da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte – ENRJN, sob uma perspectiva etnomatemática, no período de 1934 a 1973. Este trabalho oportuniza reconhecer a matemática desenvolvida no referente período. A pergunta suscitada pelo autor foi: “De que modo e em que condições o trabalho escolar na Escola Normal de Juazeiro do Norte está aberto para discutir o saber-fazer dos homens e mulheres da zona rural?” (SILVA, 2012 p. 6). O autor destaca que ENRJN apresenta um contexto de ensino com o importante tripé *política, matemática e cultura*, que se constituiu como espaço de exercício de práticas no meio rural, sendo uma instituição reconhecida como precursora, inovadora e redentora, “reconhece os sujeitos em seu espaço, em suas raízes, sua cultura, seus conhecimentos, seus desejos, sonhos, conflitos e tudo o que é de mais humano estava presente nas tentativas de formar, reformar e disciplinar gerações que por lá passaram, nítido preparo para o mundo rural com forte embasamento pedagógico ruralista em consonância com a proposta pedagógica da etnomatemática” (SILVA, 2012, p. 10).

Ferraz e Cruz (2012) mostram o ensino de matemática numa realidade não urbana, em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Família Agrícola de Colinas – TO. Evidenciam que a referida escola tem uma alternativa de trabalho pedagógico diferenciada das demais escolas no campo – Pedagogia da Alternância. Os alunos participaram efetivamente das

atividades propostas, apresentaram autonomia em suas produções, além de percepção de amizade e afetividade entre professor/aluno. Destaca-se uma das atividades desenvolvidas: “Derivados do leite”, que abordou os conteúdos: função; interpretação de gráficos; sistemas de medidas; lucro e prejuízo. Asseveram que os conhecimentos matemáticos podem ser aplicados pelas famílias de agricultores na produção de derivados do leite. Verifica-se que esta comunicação oral adota um referencial teórico da educação do campo.

Lopes (2016) apresenta uma pesquisa realizada em uma escola no campo. Realiza a pesquisa com professores que lecionam matemática. O objetivo foi discutir o contexto dos estudantes em sala de aula, trazer os discursos de professores, as falas que escapam no chão de sala de aula, no compromisso de abrir a questão já colocada por Knijnik *et al.* (2012), isto é, “trazer a realidade do aluno” para a sala de aula. Lopes (2016) conclui que, na escola pesquisada, a educação do campo ocorre somente no papel, pois os alunos do campo não são considerados historicamente e culturalmente, sendo que nem mesmo o livro adotado distingue-se do livro das escolas urbanas.

Por fim, foi possível verificar que, embora a etnomatemática esteja definida e referenciada teoricamente nas 9 (nove) comunicações orais analisadas, isto não ocorreu com a educação do campo. Em 7 (sete) dos trabalhos analisados, verificou-se uma lacuna ou uma ausência de definição do que os pesquisadores entendem por educação do campo, e até mesmo a inexistência de referenciais teóricos que discutem a educação do campo.

A partir de tais resultados, é possível fazer o indicativo à comunidade de pesquisadores que estudam a interface da etnomatemática com a educação do campo, no sentido da necessidade de uma maior aproximação teórica de suas pesquisas com o movimento que culminou com as Diretrizes Gerais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, fruto das experiências desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi analisar como foi definida e referenciada teoricamente a educação do campo em comunicações orais apresentadas nas cinco primeiras edições do Congresso Brasileiro de Etnomatemática. Assim, foi possível verificar que, embora as cinco edições do CBEm tenham proposto eixos e grupos de trabalho que contemplassem a educação

do campo, foram poucos os trabalhos que se propuseram a dialogar com as causas específicas defendidas pela educação do campo, bem como explicitar as marcas de lutas e conquistas desta comunidade de militantes e de pesquisadores.

Esta constatação se torna ainda mais evidente ao se verificarem as referências bibliográficas citadas nos trabalhos analisados, constatando-se uma lacuna de referenciais da educação do campo. Quanto às referências do campo de conhecimento da etnomatemática, elas estão bem identificadas e presentes nos trabalhos analisados, sobretudo pelas obras de D'Ambrosio e Knijnik.

Tal constatação pode ser até compreensível, visto que a etnomatemática como campo de conhecimento necessitava de se estabelecer como tal, a partir dos objetos de estudos, referenciais teóricos e uma comunidade de pesquisadores. Por sua vez, o percurso de consolidação da educação do campo no Brasil, por muito tempo e até os dias atuais, realizou-se e ainda se realiza frente a modelos de educação urbanizada. Ressalta-se também que por muito tempo os espaços considerados não urbanos foram tratados com inferioridade, subordinações e até mesmo descaso, em uma sociedade marcada por preconceitos e estereótipos. Em pleno século XXI ainda se percebem expressões pejorativas e excludentes ao se referir aos espaços não urbanos.

Frente a esta realidade, são contínuos os esforços dos que militam pela causa da educação do campo e, nesta direção, incluem-se pesquisadores em etnomatemática, que poderão contribuir para diminuir o fosso de exclusão existente, pois como já afirmado acima, os dois campos de conhecimentos estão imbricados entre si, sobretudo pelo compromisso social.

Dessa forma, tem-se uma compreensão de que, ultrapassados seus 40 anos, a etnomatemática atinge uma maturidade que poderá ser ainda mais ousada se realizar as simbioses com outros campos de conhecimentos. Nesse sentido, verifica-se, a partir dos resultados do presente trabalho, que há uma necessidade de maior aproximação teórica dos pesquisadores da etnomatemática, que têm participado das edições do CBEm, com os referenciais teóricos da educação do campo, possibilitando assim a problematização de currículos oficiais de matemática, no sentido da inclusão e valorização de conhecimentos das comunidades tradicionais, que é uma das causas de reivindicação dos movimentos sociais vinculados à educação do campo.

FIELD EDUCATION IN THE ANNALS OF THE BRAZILIAN CONGRESS ON ETHNOMATEMATICS

Abstract – This article presents the results of a bibliographic study aiming to analyze, from the annals of the first five editions of the Brazilian Congress of Ethnomathematics (CBEm), how the publications in this event, in the form of oral communications, have defined and theoretically referenced the education of the field, with an even more specific cut of those that refer to research in the school space. Initially, for the selection of works, we used the descriptors education of the countryside, rural and agriculture. Then, we kept in the corpus of analysis only the works related to research whose data were produced in school spaces. As a result, 9 (nine) oral communications were identified, from which it was possible to verify that, although ethnomathematics is defined and theoretically referenced in the works presented at CBEm, this did not occur with field education. In 7 (seven) of the studies analyzed, there was a gap or an absence of definition of what researchers understand by field education, and even the lack of theoretical references that discuss field education. From these results, it is possible to indicate the community of researchers who study the interface between ethnomathematics and field education, in the sense of the need for a greater theoretical approximation of their research to the movement that culminated in the General Guidelines for the Basic Education in the Schools of the Field, fruit of the experiences developed in the context of struggle of the peasant social movements for land and education.

Keywords: Ethnomathematics; Rural Educatio; School Space.

Referências

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário de Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDEIRA, A. D. Etno/modelagem e suas relações com a educação matemática na infância. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 3., Niterói, 2008. **Anais [...]**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

CRUZ, C. F. Etnomatemática: uma experiência em Aripuanã e Guarantã do Norte - Mato Grosso. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 1., 2000, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Ática, 1998.

DUARTE, C. G. A educação do campo como vetor de potência para a etnomatemática. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 4., 2012, Belém. **Anais [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

FANTINATO, M. C. Historia Social de la Educación Matemática en Iberoamérica: balanço da produção acadêmica dos congressos brasileiros de Etnomatemática. **Unión – Revista Iberoamericana de Educación Matemática**, [s. l.], v. 9, n. 33, p. 147-161, mar. 2013. ISSN 1815-0640.

FANTINATO, M. C.; SILVA, M. L. Tendências da produção em educação indígena dos congressos brasileiros de etnomatemática. *In*: ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE ETNOMATEMÁTICA, 2., 2019, Sarapiquí. **Anais [...]**. Sarapiquí: Universidad Nacional de Costa Rica, 2019.

FANTINATO, M. C.; THEES, A. Panorama do Encontro de Etnomatemática do Rio de Janeiro e estudo dos Anais. **Boletim do LABEM**, v. 7, n. 12, p. 1-11, jan./jul. 2016. ISSN 2316-5383.

FERRAZ, E. P. N.; CRUZ, L. R. O ensino de matemática na pedagogia da alternância: um olhar para a EFA de Colinas-TO. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 4., 2012, Belém. **Anais [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. ISSN 1678-4626. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>.

GONÇALVES, P. G. F.; BANDEIRA, F. A.; ARAÚJO JÚNIOR, G. C. Contexto escolar e o conhecimento etnomatemático de trabalhadores das cerâmicas de Russas-CE: uma proposta pedagógica. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 4., 2012, Belém. **Anais [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

KNIJNIK, G. **Exclusão e resistência**: educação matemática e legitimidade cultural. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KNIJNIK, G.; WANDERER, F. Narrativas de descendentes de alemães do sul do país sobre a escola e a matemática escolar: Um estudo etnomatemático na perspectiva Wittgenstiana. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 3., 2008, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

LEITE, K. G. **Nós mesmos e os outros**: etnomatemática e interculturalidade na escola indígena Paiter. 2014. 409 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

LOPES, R. M. G. Contexto. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 5., 2016, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016.

MARTINS, F. N.; GONÇALVES, P. G. F. Pesquisas em Etnomatemática e suas contribuições para o contexto escolar: um olhar para os anais dos CBEm. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, San Juan de Pasto, v. 8, n. 1, p. 108- 123, fev./maio 2015. e-ISSN 2011-5474.

ROSA, M.; OREY, D. C. Estado da arte da produção científica dos congressos brasileiros em Etnomatemática. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 25, n. 3, p. 543-564, set./dez. 2018. ISSN 1983-1730. DOI <http://dx.doi.org/10.14393ER-v25n3a2018-2>.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, I. P. A etnomatemática e a modelagem matemática presente em um curso de formação de professores de matemática - Projeto Parceladas – Unemat – Vila Rica – MT. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 3., 2008, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

SILVA, P. S. P. **As narrativas na formação de professores normalistas ruralistas: um olhar etnomatemático**. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 4., 2012, Belém. **Anais [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.